



Adquira COMCIENCIA, em breve nas bancas.

O “MUNDO DAS IDÉIAS” DE PLATÃO

Platão foi o primeiro a distinguir o mundo material de um mundo que não era material. Ele foi o primeiro a dividir as coisas: um mundo material, animalizado, e um mundo inteligente, um “mundo das idéias”. Um mundo espiritual, sim! É apenas questão de vocábulos, mas os princípios são os mesmos.

Não podemos olhar para o passado e julgar com os olhos do presente. Se assim fosse, não haveria heróis da humanidade, nem haveria ninguém inteligente, até porque estaríamos exigindo que quem viveu há 2.600, 400 ou 120 anos pensasse da mesma forma como pensamos, o que seria um absurdo lógico.

É pena que a mulher grega não tenha também podido contribuir, pois a mulher era tida como sendo de categoria existencial de segunda classe, mas não podemos analisar esse aspecto da sociedade grega da época com o crivo dos olhos de hoje.

A primeira função do cérebro é “perceber”. por meio dos sentidos do corpo no qual está inserido, e nosso corpo animal tem somente cinco sentidos; a segunda função é a de memorizar essas percepções nos arquivos cerebrais, e a terceira é a de trabalhar criticamente, utilizando-se do raciocínio, esses arquivos da memória.

O cérebro não consegue dar conta daquilo que não conhece. Querem um exemplo? Vamos imaginar o nada. Ninguém, ninguém mesmo,

consegue imaginar “se eu não existisse, como é que seria?”. O cérebro “entra em pane”!

Existe um mundo, ou muitos mundos, ou muitos níveis, que estão muito além do que pode a limitada ótica da percepção humana “ver”. Platão se referia a isso com as palavras que podia ele utilizar – as palavras da sua época. Fato é que existe muito mais ainda do que Platão disse, mas não é o academicismo do mundo que vai conseguir compreender adequadamente isso, porque todos nós temos o orgulho intelectual vinculado a conceitos acadêmicos nem sempre corretos.

.Pergunta – Tenho notado que, no mundo acadêmico, há muitas opiniões a respeito de Platão. Vou só colocar alguma coisa para dar uma noção do “mundo da idéias” de Platão: “a idéia do quadrado existia antes do homem conceber o quadrado”, ou, “existe o melão, então há a idéia do melão”. Diante disso, pergunto-me: se o melão for extinto da face da terra, *para onde vai a idéia do melão?* Platão dizia que todo o conhecimento reside na alma, no interior. Gostaria que a espiritualidade desse um esclarecimento a respeito do pensamento de Platão, do “mundo das idéias” de Platão.

Jan Val Ellam – Platão foi, nos tempos mais recentes da história da humanidade, ou seja, nos últimos milênios, talvez o grande divisor. Ele foi o primeiro a distinguir o mundo material de um mundo que não era material. Antes dele, Pitágoras e outros tantos falaram e expressaram conceitos de forma lúcida e genial, mas coube a Platão, com o vocabulário e dentro do conhecimento que a época permitia, formular idéias para explicar o até então inexplicado.

Nós somos tão ignorantes na avaliação dos fatos ao nosso redor! Tudo começou na tal “doença vibratória” que adquirimos muito tempo atrás, quando, além de termos perdido a simplicidade da alma, perdemos também a capacidade de nos auto-avaliarmos, e, na medida em que não sabemos nos avaliar, perdemos a condição de avaliar correta e coerentemente qualquer coisa ao nosso redor. Vejam vocês: numa discussão acadêmica a que tive oportunidade de assistir em São Paulo, alguém “encheu a boca” para dizer – *Ah, é muito bom ser democrata como Platão, tendo escravos!*... Isso porque, na época de Platão, havia escravos. A mesma situação, aliás, ocorreu comigo na cidade do Porto, em Portugal, por ocasião de palestra que proferia sobre tema próximo ao das idéias que Platão defendia.

Certo é que não podemos olhar para o passado e julgar com os olhos do presente. Se assim fosse, não haveria heróis da humanidade, nem haveria ninguém inteligente, até porque estaríamos exigindo que quem viveu há 2.600, 400 ou 120 anos pensasse da mesma forma como pensamos, o que seria um absurdo lógico.

Assim, as idéias de qualquer pessoa do passado devem ser analisadas sem esse crivo que distorce o seu mérito. Somente há pouco tempo a humanidade está lidando

com colher, garfo e faca, com papel higiênico, com certas coisas que para nós hoje são corriqueiras, e não se consegue imaginar como se conseguia viver sem dispor dessas coisas, e, no entanto se vivia.

Portanto, é imperioso que, na hora em que formos avaliar o tributo a pessoas do passado, tenhamos o bom-senso – se é que existe – de não crivar as atitudes do passado com os valores que temos hoje. O que Platão, Sócrates, Aristóteles e tantos outros, Pitágoras, Tales de Mileto, homens geniais daquele tempo, fizeram, configura uma época única na história da humanidade. É pena que a mulher grega não tenha também podido contribuir, pois a mulher era tida como sendo de categoria existencial de segunda classe – e, aqui também, não podemos analisar esse aspecto da sociedade grega da época com o crivo dos olhos de hoje.

Platão foi o primeiro a dividir as coisas: um mundo material, animalizado, e um mundo inteligente, um “mundo das idéias”. Um mundo espiritual, sim! É apenas questão de vocábulos, mas os princípios são os mesmos.

Atenho-me, agora, com a ajuda dos amigos espirituais, especificamente ao cerne do que foi perguntado: o cérebro animal humano tem três – e somente três – funções. A primeira, é de “perceber”. E como o cérebro percebe? Ele percebe por meio dos sentidos do corpo no qual está inserido, e nosso corpo animal tem somente cinco sentidos. A criancinha pega o objeto, e de tanto a gente falar “lápiz”, “lápiz”, vai, pelo tato, sentindo que aquilo é um “lápiz”, põe na boca, mastiga... Ou seja, é com os sentidos que o ser humano tem que lidar com a realidade ao seu redor. E assim, à medida que a criança vai crescendo, vai recebendo informações dos pais, dos irmãos, da babá, na escola, e vai criando a sua visão de mundo, ela vai percebendo. Barulho de avião? Ela já sabe que é um avião, porque alguém um dia explicou que aquilo é um avião, ou algum dia ela viu um avião na televisão fazendo aquele barulho. Então, a primeira função do cérebro é perceber a realidade. A segunda função é a de memorizar essas percepções nos arquivos cerebrais, e a terceira é a de trabalhar criticamente, utilizando-se do raciocínio, esses arquivos da memória. Essas são as três únicas funções que o cérebro humano tem.

O pior dessa história é que, como decorrência do raciocínio lógico, o cérebro não consegue dar conta daquilo que não conhece. Querem um exemplo? Vamos imaginar o nada. Ninguém, ninguém mesmo, consegue imaginar “se eu não existisse, como é que seria?”. O cérebro “entra em pane”!

Assim, o cérebro, por meio do aprendizado, vai-se abrindo para absorver a percepção de um conceito ou de uma idéia. Quando aparece uma novidade, o cérebro a absorve. A questão é – quem foi o primeiro a criar aquela novidade? De onde veio aquela novidade, onde ela estava antes de um ser humano poder formulá-la ou recebê-la intuitivamente? A partir dessa indagação, é que se pode tentar um esclarecimento do tal “mundo das idéias” de Platão. Se o melão fosse extinto da face da Terra, daqui a setecentos anos, se não houvesse reproduções da imagem ou registros na nossa literatura, ou nos laboratórios, não se teria idéia do que seria um melão. Até o século XVIII, ninguém ouvira falar em dinossauros, ninguém sabia que haviam existido, mas, hoje, todo mundo que seja minimamente informado, sabe.

Portanto, nosso cérebro lida com os fatos na medida em que vai sendo informado da sua existência. Só que há fatos na Terra que são puramente materiais. Os poetas da espiritualidade dizem que Deus não criou a tristeza, foi preciso que alguém, por pouca vigilância, se sentisse triste para que surgisse a tristeza. Mas, se não foi Deus quem criou

a tristeza, se não foi Deus quem fez alguém ficar triste, a questão é – de onde veio a tristeza?

Em resumo, existem níveis fluídicos em que as emanções daquilo que cada ser humano produz – as formas-pensamento, as formas-sentimento – estão “voando por aí”, em dimensões que, ainda bem, não percebemos.

Estamos caminhando mediante experimentos do Dr. Rupert Sheldrake, que talvez nos permitirão, em pouco tempo, entender com mais propriedade, o que Platão já nos dizia há 2.400 anos.

Nos idos dos anos 60, cientistas japoneses que cuidavam de alguns grupos de macacos que viviam em ilhas isoladas do arquipélago do Japão – uma ilha aqui, outra ali, uma terceira mais distante ainda, de forma que os macaquinhos que viviam em uma ilha não viam os macaquinhos que viviam nas outras ilhas – notaram um fato curioso.

Esses cientistas saíam diariamente em barcos, jogando batatas para que os macacos se alimentassem. Os macacos pegavam as batatas e as comiam como estavam, sujas da areia da praia.

Um belo dia, os cientistas começaram a observar que uma pequena fêmea, estranhamente, adquirira o hábito de, antes de comer a batata, lavá-la na água do mar, para tirar a areia. Já que todos os macacos comiam a batata com areia e tudo, sabe-se lá de onde aquela macaquinha tirou a idéia de lavá-la antes? Fato é que, com o tempo, outros macacos daquela ilha estavam fazendo a mesmíssima coisa, e que, quando um “centésimo” macaco começou também a agir daquela forma, todos os macacos da ilha também passaram a lavar as batatas. E mais: *os macacos de outra ilhas, que não viam os macacos da primeira ilha* – a ilha da macaquinha “educada” – *também estavam lavando as batatas antes de comê-las!*

A partir daí, foi criada a “Teoria dos Campos Morfo-genéticos”, que alguns relacionam com a “alma coletiva” das espécies não pensantes, com o “mundo das idéias”, ou com “circuitos espirituais”.

Os espíritos dizem, brincando, em reuniões “lá em cima”: “se isso serve para os macacos, será que não serviria para os homens?”.

Quando Jesus diz “olhem, amem uns aos outros” e alguém pensa “mas por que, num mundo onde todos são espertos, um mundo que só nos convida a sermos violentos, a ‘levar vantagem’, por que eu vou dar uma de “otário”, e vou me tornar amoroso? Isso não vai adiantar nada!”, será que não estamos nós também ligados num circuito cósmico? Será que, quando um “centésimo” homem ou mulher da história conseguir se tornar amoroso, a quantidade de energia provocada por essa mudança de atitude não vai propiciar uma chuva de bons fluidos que venham a influenciar toda a raça humana do mesmo modo que funcionou com os macacos?

De fato, existe um mundo, ou muitos mundos, ou muitos níveis, que estão muito além do que pode a limitada ótica da percepção humana “ver”. Platão se referia a isso com as palavras que podia ele utilizar – as palavras da sua época.

Fato é que existe muito mais ainda do que Platão disse, mas não é o academicismo do mundo que vai conseguir compreender adequadamente isso, porque temos, todos nós, o orgulho intelectual vinculado a conceitos acadêmicos nem sempre corretos.

Natal, 02.02.04.

Transcrição: Luiz Carlos – (84)9968-3222.

Discurso de Jan Val Ellam na reunião do Grupo Atlan.
[www. atlanbr.com.br](http://www.atlanbr.com.br)